

PSICOLOGIA, CIENCIA Y PROFESIÓN: MIRANDO AL FUTURO

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ACADÉMICO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E O BEM ESTAR

Cláudia Chaves

Paula Nelas

Carla Cruz

Emília Coutinho

Odete Amaral

Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Claudiachaves21@gmail.com

Fecha de Recepción: 11 Enero 2016

Fecha de Admisión: 15 Febrero 2016

RESUMO

Enquadramento: Vários fatores podem influenciar o bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem, desde a motivação, a separação da família e amigos, autonomia na aprendizagem, assim como as perspetivas profissionais futuras.

Objetivo: identificar as variáveis sociodemográficas e académicas que interferem no bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem.

Participantes: amostra não probabilística por conveniência de 404 estudantes de enfermagem, predominantemente feminina (87.4%), com idades compreendidas entre os 18-24 anos. Prevalcem os estudantes do 4º ano (37.4%).

Métodos: Estudo descritivo-correlacional e analítico. Utilizou-se questionário com caracterização sociodemográfica e académica e a Escala de afetos positivos e negativos (PANAS).

Resultados: os homens revelam mais afetos positivos e as mulheres mais afetos negativos; os estudantes mais novos, residentes em meio rural, a coabitar com a família, no 3º ano, com atividade remunerada, sem estatuto de bolseiro, apresentam mais afetos positivos.

Conclusão: Os resultados apontam para diferenças de género na perceção do bem estar assim como influência do grupo etário, zona de residência, coabitação e ano académico no bem estar subjetivo nos estudantes de enfermagem.

Palavras-chave: Estudantes de enfermagem; Bem-estar subjetivo.

ABSTRACT

Socio-demographic and academic profile of nursing students and well-being

Background: Several factors can influence the subjective well-being of nursing students, since the motivation, the separation from family and friends, autonomy in learning, as well as the prospects future professionals

Goal: identify the sociodemographic and academic variables that interfere in subjective well-being of nursing students;

Participants: a non-probability sample of 404 nursing students, predominantly female (87.4%), aged 18-24 years. Prevalence students of the 4th year (37.4%).

Method: Descriptive, correlational and analytical study. We used the questionnaire with socio-demographic and academic characteristics and the scale of positive and negative affect (PANAS).

Findings: men showed more positive affect and negative affects women more; younger students, residents in rural areas, live with the family in the 3rd year, with paid work without fellow status, have more affection positive.

Conclusion: The results point to gender differences in the perception of well-being as well as the influence of age group, area of residence, cohabitation and academic year in subjective well-being of nursing students.

Key-words: Nursing students; subjective well-being

INTRODUÇÃO

O bem-estar subjetivo tem-se assumido como um tema que tem recebido cada vez mais atenção por parte dos investigadores, que o consideram como uma vasta área e não como um construto único (Passareli-Carrazzoni & Da Silva, 2012). Com base nos estudos já realizados, os autores citados consideram que o bem-estar subjetivo tem um número de componentes separados, nomeadamente a satisfação com a vida, o afeto positivo e os baixos níveis de afeto negativo. Páramos, Straniero, García, Torrecilla e Gómez (2011) referem que o bem-estar subjetivo é um constructo multidimensional que compreende elementos emocionais e cognitivos e que, deste modo, abarca diversos con-textos com os quais a pessoa interage.

A vida dos estudantes do ensino superior caracteriza-se por planos e por metas vinculados entre si, constituindo um sistema pessoal de objetivos de vida (Páramos et al., 2011). Estudar o bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem assume-se como um contributo para a investigação em Enfermagem, ou seja, procuramos compreender a avaliação que os estudantes fazem acerca da sua vida no ensino superior, considerando aspetos relacionados com as suas características e a frequência com que experimentam emoções positivas e negativas. Por outro lado, consubstanciamos a opção por este tema por considerarmos que é importante que qualquer instituição do ensino superior, para além de se preocupar com a qualidade do ensino e com o desempenho dos estudantes, também consiga ver o estudante de uma forma biopsicossocial. A entrada para o ensino superior constitui-se como um período de mudança para o estudante, traduzindo-se na conquista de mais autonomia, no assumir de responsabilidades (Bublitz, Guido, Freitas & Lopes, 2012).

O bem-estar subjetivo é definido com base nas apreciações que cada pessoa faz da sua própria vida como um todo, ou recaindo nos aspetos peculiares da mesma (Porta-Nova, 2009). Araújo, Almeida e Paúl (2003) referem que as questões desenvolvimentais inerentes à transição para o ensino superior podem constituir-se como momentos problemáticos na vida dos estudantes, assumindo-se como um momento crítico, potencializador de crises e/ou desafios desenvolvimentais com interferência no seu bem-estar psicológico. Dinis (2013), ao estudar o bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior, com recurso à Escala de afeto positivo e afeto negativo (PANAS), constatou que os homens revelam os valores médios mais elevados no afeto positivo, concluindo que o

sexo tem um poder explicativo sobre o bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior. A mesma autora observou que os estudantes que coabitam com colegas durante o tempo de aulas apresentam valores médios mais elevados na dimensão do afeto negativo, comparativamente aos que coabitam com a família, nomeadamente com os pais. Dinis (2013) concluiu, no geral, em relação à avaliação da vertente afetiva do bem-estar subjetivo manifestado pelos estudantes, que a dimensão afeto positivo é muito superior à dimensão afeto negativo, levando-a a inferir que os estudantes revelam valores positivos da afetividade positiva, sendo que em relação à afetividade negativa os valores são baixos. Coleta, Lopes e Coleta (2012) realizaram um estudo com estudantes do ensino superior, onde um dos objetivos era avaliar o seu bem-estar subjetivo. Assim, numa amostra de 388 estudantes, verificaram que, na generalidade, se registaram resultados médios superiores nas dimensões do bem-estar, ou seja, os estudantes revelaram médias mais elevadas no afeto positivo.

Oliveira (2015), constatou que os estudantes com idade igual ou inferior a 20 anos apresentam um afeto negativo mais elevado, em relação aos que possuem idade igual ou superior aos 23 anos. Deste modo, Oliveira (2015) inferiu que a idade dos estudantes de enfermagem influencia o seu bem-estar subjetivo, tendo justificado que esta interferência se deve ao facto de os alunos mais novos ainda se encontrarem numa fase de adaptação à vida académica do ensino superior, tendo em conta que muitos deles se afastaram da família, o que lhes acarretou alterações na sua vida social. Face ao exposto questionamo-nos: Que variáveis sociodemográficas e de contexto escolar têm repercussão no bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem? Partindo-se da questão de investigação delineaámos como objetivo: Identificar as variáveis sociodemográficas e académicas que interferem no bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem. Veríssimo, Costa, Gonçalves e Araújo (2011) referem que efectivamente o ensino superior leva a uma multiplicidade de experiências e aprendizagens, que resultam em emoções marcantes e diferentes nos estudantes, constituindo-se uma temática que tem sido objeto de uma atenção crescente por parte de vários investigadores.

METODOLOGIA

Estudo quantitativo, transversal e descritivo correlacional. Com uma amostra não probabilística por conveniência, constituída por estudantes de licenciatura de enfermagem, em Portugal, de ambos os sexos que acordaram participar após serem contactos via email. Dado que desconhecemos o tamanho da população, a amostra teórica necessária seria de 1068 para um nível de significância de 95% com uma margem de erro de 3.0%. Contudo, sendo a amostra efetiva de 404 participantes, com o mesmo nível de confiança o erro cometido no nosso estudo será de 4.8%.

Utilizámos o questionário constituído por questões de caracterização sociodemográfica e académica. O questionário sociodemográfico permite-nos caracterizar os sujeitos em relação à idade, sexo, estado civil, zona de residência, coabitação em período letivo, habilitações literárias dos pais, profissão dos pais e o número de irmãos. Com o questionário de contexto escolar determinou-se o ano em que está inscrito, se possui atividade remunerada, como se desloca para a escola, tempo de deslocação e se usufrui de estatuto de bolseiro e ainda a Escala de afetos positivos e negativos de nome original "Positive and Negative Affect Schedule" (PANAS) de Watson, Clark & Tellegen, (1988), traduzida e validada para a população portuguesa por Galinha e Pais-Ribeiro (2005). Consiste num instrumento de medida exclusiva da dimensão afetiva do bem-estar subjetivo e tem como finalidade verificar de que forma os indivíduos sentem, no presente, emoções positivas e emoções negativas particulares. A versão portuguesa abarca um conjunto de palavras que descrevem distintos sentimentos e emoções repartidas por duas subescalas com 10 itens cada, denominadas de afeto positivo e afeto negativo, as quais estão ordenadas numa escala de cinco pontos,

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ACADÊMICO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E O BEM ESTAR

onde 0 (zero) corresponde a “nada ou muito ligeiramente” e 4 a “extremamente”. A cotação desta escala faz-se através da média aritmética dos 10 itens de cada escala, calculando-se também o balanço afetivo, subtraindo a escala de afeto negativo à escala de afeto positivo. No presente estudo o espaço temporal de resposta recaiu na opção “esta semana”.

RESULTADOS

Participaram 404 estudantes de enfermagem do curso de licenciatura de enfermagem, com uma idade mínima de 18 anos e a máxima de 24 anos para os estudantes do sexo masculino, que representam 12.6% da amostra total, com uma média de 20.96 ($\pm 1,57$). No sexo feminino (87.4%), a idade mínima é 17 anos e a máxima de 24 anos, com uma média de 20.54 ($\pm 1,47$). Sobressaem os estudantes (46.0%) na faixa etária dos 20-21 anos, dos quais 46.2% são mulheres e 45.1% são homens. É de realçar que 26.6% das participantes do sexo feminino possuem idade igual ou superior aos 22 anos, bem como 37.3% dos estudantes do sexo masculino.

No estado civil dos participantes do estudo prevalecem, quer para o sexo feminino (99.2%), quer para o sexo masculino (96.1%), os solteiros.

Relativamente ao local de residência, 71.3% dos estudantes residem em meio urbano. Os estudantes que coabitam com os amigos/colegas (52.2%), dos quais 53.3% são estudantes do sexo feminino e 45.1% são do sexo masculino. Realça-se que 43.9% das mulheres e 51.0% dos homens vivem com a família.

Quanto às habilitações literárias do pai, prevalecem os participantes cujo pai possui habilitações literárias até ao 9º ano de escolaridade (63.9%). No que respeita às habilitações literárias das mães dos estudantes de enfermagem, sobressaem as que possuem até ao 9º ano de escolaridade (53.0%). Reportando-nos agora à situação profissional dos pais dos participantes, sobressaem os que se encontram no ativo (85.4%). Quanto à situação profissional da mãe dos participantes, na totalidade da amostra há um claro domínio das que se encontram em situação ativa profissionalmente (72.3%).

No que se refere ao número de irmãos, verificou-se que, a maior parte dos estudantes (65.6%) possuem um irmão e 23.5% não têm irmãos.

Relativamente à atividade remunerada, de onde se constata que grande parte dos participantes não a tem (90.6%), nomeadamente 91.2% dos estudantes do sexo feminino e 86.3% dos estudantes do sexo masculino. Apenas 8.8% das mulheres tem atividade remunerada e 13.7% dos homens participantes.

Verificou-se que, 37.4% dos estudantes frequentam o 4º ano, fazendo parte deste grupo 36.5% de estudantes do sexo feminino e 43.1% dos estudantes do sexo masculino. Seguem-se, em termos de representatividade da amostra total, ou seja, 21.8% dos estudantes a frequentarem o 1º ano, sendo 22.7% mulheres e 15.7% homens.

Na generalidade, prevalecem os participantes que se deslocam para a escola em veículo motorizado (55.2%), quer os estudantes do sexo feminino (55.0%), quer os do sexo masculino (59.6%). Contrariamente, 45.0% das mulheres e 43.1% dos homens deslocam-se de casa para a escola a pé.

Quanto ao tempo de deslocação entre casa e escola há um tempo mínimo de 5 minutos e um máximo de 90 sendo a média de 15 minutos ($\pm 14,33$). Verificamos que prevalecem os estudantes que demoram um tempo igual ou inferior a 10 minutos (43.6%), dos quais 44.5% são mulheres e 37.3% são homens. Seguem-se, os 36.1% dos participantes que demoram a fazer essa deslocação em tempo igual ou superior a 19 minutos (homens 35.7% vs. mulheres 39.2%).

Reportando-nos agora aos resultados em função de ser estudante bolsheiro, pode afirmar-se que mais de metade (55.0%) não possui este estatuto, sendo esta uma situação análoga a 53.8% das mulheres e a 62.7% dos homens. E verifica-se que 46.2% das estudantes do sexo feminino são estudantes bolsieras, tal como 37.3% dos estudantes do sexo masculino.

Os resultados referentes ao bem-estar subjetivo em função do sexo, onde retiramos que os estudantes do sexo masculino apresentam valores de ordenação média mais elevados (240.39), comparativamente os do sexo feminino (197.03) nos afetos positivos. Assim, podemos inferir que os homens revelam mais afetos positivos que negativos, contrariamente às mulheres que manifestam mais afetos negativos (200.06). Importa referirmos que há diferenças estatisticamente significativas em relação aos afetos positivos ($p=0.013$), onde foram as mulheres a revelar menor ordenação média.

No que se reporta ao bem-estar subjetivo em função dos grupos etários, constatamos que, na generalidade, predominam os afetos positivos em todos os grupos etários, destacando-se os estudantes com menos idade a revelarem mais afetos positivos ($X=51.00 \pm 19.45$), seguidos dos que possuem idades compreendidas entre os 20-21 anos ($X=50.13 \pm 20.35$). Os estudantes com mais idade são os que revelam menos afetos positivos ($X=48.36 \pm 19.91$). Quanto aos afetos negativos, podemos afirmar que os estudantes com idade igual ou superior aos 21 anos são os que menos afetos negativos apresentam, contrariamente aos participantes mais novos. Em termos de diferença de afetos, ressaltamos que a diferença de afetos é mais elevada para os estudantes entre os 20-21 anos de idade, resultando em diferenças estatisticamente significativas ($p=0.20$).

Reportando-nos ao bem-estar subjetivos em função do estado civil são os estudantes casados que apresentam mais afetos positivos (226.70) e maior diferença de afetos, enquanto os solteiros revelam mais afetos negativos (202.63), no entanto, sem relevância estatística.

Constatamos que os estudantes a residirem em meio rural têm mais afetos positivos ($X=52.47 \pm 20.22$), enquanto os que residem em meio urbanos apresentam mais afetos negativos ($X=48.81 \pm 19.81$). Em termos de diferenças de afetos, ambas as médias são negativas, contudo mais elevada para estudantes residentes em meio urbano. Registamos relevância estatística no que se refere à diferença ($p=0.24$).

Os estudantes a residirem sozinhos em tempo de aulas apresentam mais afetos negativos (258.67), seguindo-se os que residem com a família (203.27). Em relação aos afetos positivos, observamos que são os participantes que vivem com a família, durante o tempo de aulas, a apresentar uma ordenação média mais elevada (211.35), o que corresponde a mais afetos positivos, bem como são estes participantes os que apresentam maiores diferenças nos afetos. Salientamos que os estudantes com menor afetos negativos são os que residem com amigos/colegas (198.64). Verificamos a existência de relevância estatística, cujos resultados do teste post hoc Tukey revela que esta se situa entre os estudantes a residirem sozinhos e os que vivem com a família ($p=0.019$).

São os estudantes do 3º ano do curso de enfermagem são os que apresentam mais afetos positivos ($X=53.87 \pm 18.62$), seguidos dos que se encontram no 2º ano do curso ($X=51.89 \pm 20.05$). Neste âmbito, referimos que os estudantes do 4º ano são os que têm menos afetos positivos ($X=45.57 \pm 19.99$). A leitura dos dados indicam-nos, ainda, que os participantes a frequentarem o 1º ano são os que mostram mais afetos negativos, secundados pelos que se encontram no 2º ano do curso. Verificamos também que as médias são todas negativas em relação às diferenças de afetos, com destaque para os alunos no 1º ano. Verificamos a existência de diferenças estatísticas, situando-se, conforme o teste post hoc Tukey, entre os estudantes do 3º ano e os do 4º ano ($p=0.013$).

Os resultados referentes ao bem-estar subjetivo em função do número de irmãos, donde inferimos que a ordenação média revela que os estudantes sem irmãos revelam mais afetos positivos (215.19) e afetos negativos (244.26), comparativamente aos restantes, que patenteiam uma diferença de afetos maior. Registamos a existência de diferenças estatísticas, cuja confirmação do teste post hoc Tukey nos mostra que as mesmas se situam entre os estudantes sem irmãos e os que possuem um irmão ($p=0.004$).

Ao nível dos afetos positivos, destacam-se os estudantes que afirmam possuir atividade remu-

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ACADÊMICO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E O BEM ESTAR

nerada, cuja ordenação média é mais elevada (214.68), bem como maiores diferenças de afetos (229.18). Os participantes que não têm atividade remunerada apresentam mais afetos negativos (205.20).

Os estudantes com mais afetos positivos são os que não têm estatuto de bolsheiro ($X=50.51\pm 19.86$), enquanto os que possuem bolsa de estudo revelam mais afetos negativos ($X=21.92\pm 19.13$). Outro resultado a que chegamos é que as diferenças de afetos são ambas negativas, todavia, mais elevada para os estudantes que são bolsheiros.

DISCUSSÃO

O questionário usado como instrumento de colheita de dados, foi preenchido através da Internet (*on line*), o que não implicou a presença dos investigadores. Realçamos a limitação metodológica residir no facto de a amostragem ser do tipo não probabilística por conveniência, podendo igualmente acarretar alguns vieses aos resultados obtidos. O tamanho da amostra não nos permite fazer a generalização dos resultados a outra população de estudantes de enfermagem.

Começamos por traçar um perfil dos 404 estudantes de enfermagem participantes neste estudo, sendo maioritariamente uma amostra feminina (87.4%), com idades compreendidas entre os 18 anos e os 24 anos, predominando os estudantes (46.0%) na faixa etária dos 20-21 anos, dos quais 46.2% são mulheres e 45.1% são homens. Os nossos resultados corroboram os de Sequeira, Carvalho e Sousa (2013) que, numa amostra de 980 estudantes de enfermagem, 89,2% eram do sexo feminino, cuja maioria tinha idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos.

Verificámos que prevalecem, quer para o sexo feminino (99.2%), quer para o sexo masculino (96.1%), os estudantes solteiros, cuja maioria reside em meio urbano (71.3%), a coabitar sobretudo com os amigos/colegas (52.2%) e com a família (44.8%), com domínio de participantes sem atividade remunerada (90.6%), o que vai ao encontro do estudo de Araújo, Frazili e Almeida (2011), que também contou com uma amostra de estudantes maioritariamente casados, residentes em meio urbano e sem atividade remunerada. A amostra é constituída sobretudo por estudantes do 4º ano do curso de enfermagem (37.4%), secundados pelos que se encontram no 1º ano (21.8%), tendo-se verificado também que mais de metade (55.0%) não possui o estatuto de bolsheiro.

Na generalidade, prevalecem os participantes que se deslocam para a escola em veículo motorizado (55.2%), com um tempo de demora de deslocação de casa para a escola igual ou inferior a 10 minutos (43.6%). Consideramos que os nossos resultados vão ao encontro dos apurados por Benavente, Higashi, Silva, Guido e Costa (2014), na medida em que, numa amostra de 151 estudantes de enfermagem, a grande maioria era do sexo feminino, com idade média de 20,93 anos, a residir com a família em tempo de aulas, utilizando, como meio de transporte, para se deslocarem de casa para a escola, um veículo motorizado.

Procurámos saber qual a relação entre as variáveis sociodemográficas e de contexto escolar e o bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem. Assim, começamos por referir que os homens revelam mais afetos positivos, contrariamente às mulheres que manifestam mais afetos negativos. Na diferença de afetos, evidenciam-se os estudantes do sexo masculino. Oliveira (2015) também verificou que os estudantes do sexo masculino revelam melhor afeto positivo e balanço afetivo, quando comparados com as estudantes do sexo feminino, que demonstram possuir mais afeto negativo. Também Saraiva (2015) verificou que o género masculino apresenta maior bem-estar subjetivamente avaliado no que respeita aos afetos positivos, sugerindo um melhor balanço afetivo.

No que se reporta ao bem-estar subjetivo em função dos grupos etários, destacando-se os estudantes com menos idade a revelaram mais afetos positivos, seguidos dos que possuem idades compreendidas entre os 20-21 anos. Os estudantes com mais idades são os revelam menos afetos positivos. Em termos de diferença de afetos, ressaltamos que esta é mais elevada para os estudantes

entre os 20-21 anos de idade, resultando em diferenças estatisticamente significativas ($p=0.20$). Os nossos resultados não corroboram os de Oliveira (2015), segundo a qual os estudantes com idade igual ou inferior a 20 anos exibem um afeto negativo mais elevado, em relação aos que possuem idade igual ou superior aos 23 anos. Deste modo, Oliveira (2015) inferiu que a idade dos estudantes de enfermagem influencia o seu bem-estar subjetivo, tendo justificado que esta interferência se deve ao facto de os alunos mais novos ainda se encontrarem numa fase de adaptação à vida académica do ensino superior, tendo em conta que muitos deles se afastaram da família, o que lhes acarretou alterações na sua vida social. Por seu lado, Saraiva (2015) observou que os estudantes de enfermagem mais jovens revelam mais afetos positivos, mas também índices mais elevados de afetos negativos.

Outro resultado relevante refere-se ao facto de termos verificado que os estudantes a residirem em meio rural têm mais afetos positivos, enquanto os que residem em meio urbanos apresentam mais afetos negativos. Em termos de diferenças de afetos, ambas as médias são negativas, contudo mais elevadas para os estudantes residentes em meio urbano, com relevância estatística no que se refere à diferença ($p=0.24$). Estes resultados poderão ser justificados com o facto de que muitos dos estudantes que residem em meio urbano estão afastados do seu suporte familiar, o que poderá resultar num bem-estar subjetivo mais baixo, quando comparados com os que residem em meio rural que coabitam com a família, tendo melhor qualidade de vida. Os resultados apurados em relação à zona de residência também podem ser corroborados com os que obtivemos em relação à coabitação, na medida em que os estudantes a residirem sozinhos em tempo de aulas apresentam mais afetos negativos, sendo os participantes que vivem com a família, durante o tempo de aulas, a apresentar mais afetos positivos, com relevância estatística ($p=.019$). Consideramos que os estudantes do ensino superior que residem sozinhos apresentam mais afetos negativos, logo em menor bem-estar subjetivo, quando comparados com os que coabitam com a família, porque o suporte social durante o desenvolvimento académico é muito importante para os estudantes.

Apurámos que os estudantes do 3º ano do curso de enfermagem são os que apresentam mais afetos positivos, seguidos dos que se encontram no 2º ano do curso, enquanto os participantes a frequentarem o 1º ano são os que mostram mais afetos negativos, resultando em diferenças estatísticas, entre os estudantes do 3º ano e os do 4º ano ($p=0.013$). Estes resultados poderão ser justificados com o facto de os alunos que frequentam o 1º ano ainda se encontrarem numa fase de transição para o ensino superior, traduzindo-se na conquista de mais autonomia, no assumir de responsabilidades (Bublitz et al, 2012). Dinis (2013), no seu estudo com estudantes do ensino superior, também verificou que os estudantes do 1º ano são os que revelam mais afetos negativos, justificando com o facto de estes estudantes não terem ainda um suporte social bem ajustado à nova fase das suas vidas. Outro resultado a que chegámos prende-se com a evidência de os estudantes com atividade remunerada, que não possuem estatuto de bolseiro apresentam mais afetos positivos. A capacidade económica, do nosso ponto de vista, influencia direta e indirectamente o bem estar do estudante; não só pela capacidade de aquisição de bens e serviços necessários mas também pela pressão sentida pelos bolseiros no sentido de terem sucesso académico pois a manutenção do estatuto e usufruto da bolsa está dependente da concretização dos objectivos académicos.

CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo identificar as variáveis sociodemográficas e académicas que interferem no bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem. Os principais resultados demonstraram que se trata de uma amostra de estudantes de enfermagem com claro predomínio de participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 anos e os 24 anos, predominando os estudantes na faixa etária dos 20-21 anos, solteiros, residentes em meio urbano, a

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ACADÊMICO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM E O BEM ESTAR

coabitar principalmente com os amigos/colegas e com a família, com predomínio de participantes sem atividade remunerada, cuja maioria frequenta os 1º e 4º anos, não possuindo o estatuto de bolsheiro. A maioria dos participantes desloca-se de casa para a escola, um veículo motorizado.

Concluimos, no que se refere à relação entre as variáveis sociodemográficas e de contexto escolar e o bem-estar subjetivo dos estudantes de enfermagem, que os homens revelam mais afetos positivos, contrariamente às mulheres que manifestam mais afetos negativos. Os estudantes com menos idade revelaram mais afetos positivos, seguidos dos que possuem idades compreendidas entre os 20-21 anos. Os estudantes com mais idade, residentes em meio rural, a coabitar em tempo de aulas com a família, no 3º ano do curso, com atividade remunerada, que não possuem estatuto de bolsheiro e que têm obesidade apresentam mais afetos positivos. Os estudantes do sexo feminino, mais jovens, são as que revelam melhores afetos positivos. Por último, concluimos que os estudantes do sexo masculino, mais velhos são os que revelam mais afetos negativos.

Face aos resultados julgamos que é importante que se desenvolva, em contexto de ensino superior, ações de formação de modo que se possa informar e sensibilizar mais os estudantes de enfermagem para todos os fatores que possam estar associados a uma vida psicologicamente rica e saudável.

REFERÊNCIAS

- Araújo, B. A. Almeida, L. S., & Paul, M. C. (2003). Transição e adaptação académica dos estudantes à Escola de Enfermagem. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1(5), 56.
- Araújo, C. L. de O., Frazili, R. T. V., & Almeida, E. C. de (2011). Influência do Sono nas Atividades Acadêmicas dos Graduandos de Enfermagem que Trabalham na Área no Período Noturno. *Revista Eletrônica de Enfermagem do Vale do Paraíba, Lorena*, 1: 53-62.
- Benavente, S.B.T., Silva, R.M.; Higashi, A.B., Azevedo, L.A., & Costa, G. (2014). Influência de fatores de estresse e características sociodemográficas na qualidade do sono de estudantes de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48 (3): 514-520.
- Bublitz, S., Guido, L.A., Freitas, E.O. & Lopes, L.F.D. (2012). Estresse em estudantes de enfermagem: uma revisão integrativa. *Rev Enferm UFSM.*; 2(3): 530-8.
- Coleta, J.A., Lopes, J.E.F., & Coleta, M.F.D. (2012). Felicidade, bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: um estudo nas residências universitárias. Dissertação de mestrado. Universidade de Coimbra.
- <https://www.google.pt/#q=Adapta%C3%A7%C3%A3o+acad%C3%A9mica%2C+apoio+social+e+bem+estar+subjetivo+dos+estudantes+do+ensino+superior:+um+estudo+nas+resid%C3%A2ncias+universit%C3%A1rias>
- Dinis, A. C. A. R. (2013). Adaptação académica, apoio social e bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: um estudo nas residências universitárias. Dissertação de mestrado. Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/25321>
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II - Estudo Psicométrico. *Análise Psicológica*, 219-227.
- Oliveira, A.C.A.A. (2015). Depressão, ansiedade e stresse em estudantes de enfermagem. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Saúde de Viseu. <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2833/1/OLIVEIRA,%20AnaClaudiaAlbuquerqueAlmeidaSantos%20DM.pdf>.
- Pais-Ribeiro, J.L. (2005). Introdução à psicologia da saúde. Coimbra: Quarteto.
- Páramos, M.A., Straniero, C.M., García, C.S., Torrecilla, N.M. & Gómez, E.E. (2012). Bienestar psicológico, estilos de personalidad y objetivos de vida en estudiantes universitarios. *Pensamiento*

Psicológico.

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-9612012000100001.

- Porta-Nova, R.M.M.M. (2009). Adaptabilidade, Competências Pessoais e Bem-Estar Psicológico de Jovens do Ensino Superior na Área das Ciências da Saúde. Dissertação de Doutoramento. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto. <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/24450/2/Dissertao%20de%20Doutoramento%20Rui%20PortaNova.pdf>.
- Saraiva, A.G.S. (2015). O consumo de tabaco em estudantes de Enfermagem. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Saúde de Viseu. <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2834/1/SARAIVA,%20AnaGabrielaSilva%20DM.pdf>
- Sequeira, C., Carvalho, J. C., Sampaio, F., Sá, L., Lluch-Canut, T., & Roldán-Merino, J. (2014). Avaliação das propriedades psicométricas do Questionário de Saúde Mental Positiva em estudantes portugueses do ensino superior. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* (11), 45-53.
- Veríssimo, A., Costa, R., Gonçalves, E., & Araújo, F. (2011). Níveis de Stress no Ensino Superior. *Psicologia e Educação*, 1 (2): 41-48.

